

AOS OLHOS DE UMA CRIANÇA: O VIDEOCLÍPE COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO¹

TO THE EYES OF A CHILD: THE VIDEOCLIP AS A PRACTICE OF LITERACY

Maria de Lourdes Rossi Remenche²
Ana Paula Pinheiro da Silveira³

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as contribuições do uso do gênero videoclipe para o desenvolvimento de práticas de multiletramento. Para tanto, explora o conceito de letramento a partir de uma breve retomada das ideias do Grupo de Nova Londres, apresenta características do gênero videoclipe como potencial para o desenvolvimento de práticas de leitura na educação básica a partir da análise do videoclipe *Aos olhos de uma criança*, que apresenta a trilha sonora original da animação *O Menino e o Mundo*, de Alê Abreu. A análise evidencia que a exploração do diálogo entre o verbo-visual e o sonoro contribui para a construção do percurso de produção de sentido e conjuga uma multiplicidade de linguagens.

Palavras-Chave: Videoclipe; Práticas de multiletramento; Leitura; Multimodalidade.

ABSTRACT: His article aims to analyze the contributions of the use of the video clip genre to the development of multilevel practices. In order to do so, it explores the concept of literacy from a brief resumption of the ideas of the New London Group, presents features of the music video as a potential for the development of reading practices in basic education from the analysis of the video clip *In the eyes of a child*, which presents the original soundtrack of the animation *The Boy and the World*, by Alê Abreu. The analysis shows that the exploration of the dialogue between the visual and the visual verb contributes to the construction of the sense production path and combines a multiplicity of languages.

Keywords: Video clip; Multilevel practices; Reading. Multimodality.

1 Artigo recebido em 30 de maio de 2017. Aceito em 14 de julho de 2017.

2 Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (2009), Mestre em Estudos da Linguagem (UEL/2003), Especialista em Língua Portuguesa (UEL/1998) e Graduada em Letras Vernáculas/Anglo (UEL). A pesquisadora é professora Adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-Curitiba) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA). E-mail: mremenche@utfpr.edu.br

3 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2013). Mestre em Linguística (UFSC/2003). A pesquisadora é professora Adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-Curitiba) e membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA). E-mail: apsilveira@utfpr.edu.br



Introdução

Ler e produzir textos, após as mudanças instauradas pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, doravante NTIC, constituem-se em práticas influenciadas pela cultura da convergência. Garcia Canclini (2008) elucidou o papel das novas mídias na produção e no consumo da cultura bem como na construção do conhecimento. Na visão desse autor, a convergência digital possibilitou ao usuário realizar múltiplas funções. Com um aparelho de celular, por exemplo, é possível ler, ouvir música, fazer fotos e publicá-las nas redes sociais, gravar áudios, interagir com pessoas próximas ou distantes, o que afeta certamente a forma como produzimos os sentidos para o texto, de modo que, “nem os hábitos atuais dos leitores-espectadores-internautas, nem a fusão de empresas que antes produziam em separado cada tipo de mensagem, permitem agora conceber como ilhas isoladas os textos, as imagens e sua digitalização de sentidos” (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 34).

Na sociedade atual, essa transformação requer uma convergência de modos e um limite tênue entre as fronteiras do que é considerado como arte e produção cultural, desta forma, demanda da escola uma mudança efetiva para que se possa traduzir como prática pedagógica a “interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica” (GARCIA CLANCLINI, 2008, p. 34). Na concepção de Garcia Clanclini, tais interações são vistas como dissociadas. Isto é, de um lado temos um aumento da produção e leitura de textos nas novas mídias e do outro, uma dificuldade de seduzir o aluno para a leitura com as práticas desenvolvidas na escola; o que poderia ser justificado, ao menos em parte, pelo pouco investimento em Tecnologia na escola, ou ainda, pela dificuldade do professor, um sujeito em construção, sócio historicamente constituído, de poder refletir, nos cursos de Formação continuada sobre como ensinar e aprender utilizando as NTIC. No caso específico do Ensino de Língua Portuguesa, compreender quais letramentos necessários para construir sentidos no texto multimodal.

Disso decorre, nesse estudo, a necessidade de aprofundarmos, inicialmente, o conceito de letramento a partir de uma breve retomada das ideias do Grupo de Nova Londres, na sequência exploraremos as características do gênero videoclipe como potencial para o desenvolvimento de práticas de leitura na educação básica. Então, realizarmos a análise do



videoclipe *Aos olhos de uma criança*, do rapper Emicida, que traz a trilha sonora original da animação *O Menino e o Mundo*⁴, de Alê Abreu.

Breve retomada sobre multiletramentos

Embora os resultados do INAF (2016) ainda apontem para um índice de letramento distante do desejado, as discussões sobre a teoria já ultrapassam algumas décadas. Os estudos sobre o letramento podem ser compreendidos em grandes linhas sob duas perspectivas dicotômicas: o modelo autônomo e o modelo ideológico (Street (1984), Gee (1990) e Besnier; Street (1994). Enquanto o primeiro é entendido como um conjunto de habilidades requeridas para o uso da escrita e da leitura, o segundo assume a visão de que aprender a escrita não se restringe a uma habilidade técnica e neutra, uma vez que o seu uso acontece em contexto situado, portanto, é imbuído das concepções de identidade e de práticas sociais dos sujeitos.

Street (2003) corrobora essa visão ao defender:

Se, por um lado, muitos educadores e idealizadores de políticas vêem o letramento como sendo uma habilidade meramente neutra, igual em qualquer lugar e a ser distribuída (quase que injetada em alguns discursos baseados em idéias médicas) para todos em iguais medidas, o modelo ideológico reconhece que as decisões políticas e em educação precisam estar baseadas em julgamentos prévios sobre que letramento deve ser distribuído, e por quê. (STREET, 2003, p. 10-11).

Na afirmação de Street, fica evidente que a escrita e a leitura estão profundamente enraizadas na vida social e, por isso, não podem deixar de considerar as mudanças da sociedade, incluindo aquelas advindas com a tecnologia, que vão modificar o modo de representação e comunicação. Nesse sentido, os novos estudos sobre letramento terão de contemplar necessariamente a multimodalidade e a hibridização.

Nesse sentido, Lemke (2010) argumenta que é necessário considerar diferentes semioses na produção de significados.

Nas palavras do autor:

Houve um tempo, talvez, em que podíamos acreditar que construir significados com a língua de algum modo era

⁴ Com mais de 45 reconhecimentos, a obra é a animação brasileira mais premiada e, embora, não tenha sido o ganhador, o filme teve grande repercussão na mídia após a indicação ao Oscar de Melhor Animação em 2016.



fundamentalmente diferente ou poderia ser tratado separadamente da produção de significados com recursos visuais ou padrões de ação corporal e interação social. Hoje, no entanto, nossas tecnologias estão nos movendo da era da 'escrita' para a era da 'autoria multimidiática' (LEMKE, 2010, p.456).

Há uma convergência entre esses autores que nos permite afirmar que o conceito de letramento, com o advento das NTIC, deve incluir não só a linguagem escrita, mas a multiplicidade de semioses. Essa nova visão, requer mobilizar algumas reflexões elaboradas pelo Grupo de Nova Londres – doravante, GNL – para o qual o conceito de multiletramento remete à multiplicidade de linguagem, uma vez que a produção dos gêneros multimodais envolve diferentes linguagens, mídias e semioses, bem como à pluralidade cultural (COPE; KALANTZIS, 2009).

O manifesto inaugural do GNL, denominado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (Uma Pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais), foi lançado em 1990 e vem inspirando desde então as pesquisas desenvolvidas pelo grupo. Por meio do manifesto, os estudiosos procuraram compreender “por que” era necessário levar adiante esse projeto pedagógico e, para isso, analisou as mudanças ocorridas na sociedade e a conseqüente necessidade de contemplar as novas relações e representações de cidadania, trabalho e vida pessoal na proposta de aprendizagem desenvolvida na escola, o que incluía os novos modos de produção de textos, a multimodalidade bem como a multiplicidade de culturas.

Na elaboração da proposta da Pedagogia do Multiletramento, o GNL identificou quatro dimensões: usuário funcional, criador de sentidos, analista crítico e prática transformadora, podemos entender as quatro dimensões em relação aos objetivos operacionalizáveis do ponto de vista pedagógico, ou seja, como experimentar, conceituar, analisar e aplicar (COPE; KALANTZIS, 2009).

Definida de forma sintética, a proposta da Pedagogia dos Multiletramentos tem como objetivo formar um usuário funcional para ser capaz de ler diversos tipos de textos, com competência técnica, com uma metodologia que lhe garanta as habilidades para ler e produzir textos, incluindo as ferramentas disponíveis nas novas tecnologias, ou seja, um usuário capaz de ler de modo crítico e agir com uma prática transformadora. É preciso considerar ainda que essa pedagogia abrange tanto



multimodalidade como multiculturalidade, melhor dizendo, remete não só à multiplicidade cultural, mas também às semioses constitutivas dos textos. A pedagogia de multiletramentos aponta também que os estudantes precisam aprender sobre diferentes contextos, pois:

Trabalhar com multiletramentos [...] caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático — que envolvam agência — de textos/discursos que ampliem o repertório cultural[...]. (ROJO, 2012, p. 8)

Para o desenvolvimento desse trabalho, precisamos desfazer, no espaço-tempo escolar, as dicotomias cultura popular/erudita e cultura marginal/central, reafirmando a importância do diverso e do diferente como elementos fundamentais à produção cultural contemporânea e a necessidade de investirmos, cada vez mais, na formação de leitores capazes de mobilizar diferentes formas de representação de sentido proporcionadas pelos inúmeros gêneros multimodais que circulam nas mídias.

Isso não se realiza sem que também os professores compreendam como ler o texto multimodal sendo capaz de compreender como o texto produz sentidos a partir da presença ou da ausência das diferentes semioses. Rojo (2013) é veemente ao defender que ainda não nos debruçamos condignamente sobre o estudo de gêneros multimodais, o que justifica a importância de estudos que possam lançar luz sobre a leitura de gêneros produzidos envolvendo múltiplas semioses, como o videoclipe, *Aos olhos de uma criança*, cuja criação artística foi realizada para a divulgação do filme, *O menino e o Mundo*, de Alê Abreu.

O gênero videoclipe na sala de aula: práticas de multiletramento

A contemporaneidade é marcada por deslocamentos na maneira de ler, produzir e fazer circular informações na sociedade. Para Souza, Corti e Mendonça (2012), isso ocorre porque os modos de vida também mudaram e, portanto, as formas como as pessoas interagem com os diferentes textos que circulam. Assim, como as práticas de letramento se transformam, mudam



também os gêneros discursivos⁵ e surgem novos gêneros a partir dos já existentes.

Nesse contexto de mudanças contínuas, as NTIC ampliam as possibilidades de exploração e desenvolvimento de práticas leitoras que articulam, simultaneamente, aspectos multissemióticos que combinam imagens estáticas ou em movimento, com áudio e vídeos.

Considerando os multiletramentos, Rojo (2013) argumenta que isso exige negociar uma crescente variedade de linguagens e discursos, interagindo, interpretando ou traduzindo para além do texto verbal, pois há a necessidade de se vincular com outras formas de significar, outras modalidades de linguagem, chamados por Rojo (2013) de “novos escritos”:

Esses “novos escritos” obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos quase diariamente: chats, páginas, twits, posts,azines, epulps, fanclips etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de “leitura-escrita”, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar. (ROJO, 2013, p.20).

O videoclipe é um gênero discursivo híbrido, de caráter intersemiótico, que conjuga uma multiplicidade de linguagens, e pode ser inserido nesse conjunto de novos escritos. Esse gênero vem, com a disseminação das mídias sociais, sendo acessado e compartilhado em diversos dispositivos móveis. Essa facilidade de acesso e abordagem agrega a esse gênero grande potencial para a exploração de práticas multiletradas em sala de aula.

A abordagem, no processo de ensino-aprendizagem, envolve, além do trabalho com a canção, a exploração do cenário, personagens, contexto histórico etc. Tal abordagem desmistifica a primazia da escrita sobre as outras linguagens no contexto escolar e enfatiza a importância dos diferentes aspectos discursivos na produção de sentidos, especialmente se considerarmos a interdependência das imagens, dos sons e dos textos que compõem uma obra (PASQUOTTE-VIEIRA et al., 2012).

Para Pontes, o videoclipe constitui-se em

Um pequeno filme, uma curta metragem, cuja duração está atrelada (mas não restrita) ao início e fim ao som de uma

5 Assumimos a concepção de Bakhtin (1992) e consideramos os gêneros discursivos tipos relativamente estáveis de enunciados, marcados sócio-historicamente e caracterizados pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional.



única música. Para ser considerado um videoclipe, este curtametragem não pode ser jornalístico, não é a simples filmagem da apresentação de um ou mais músicos. Ele é a ilustração, a versão filmada, de uma canção. Há intenções artísticas em sua realização, e, quase sempre, ausência de linha narrativa. (PONTES, 2003, p 47)

Essa amálgama com muitas possibilidades semióticas que compõe o videoclipe e a tessitura da narrativa produzem o percurso de construção dos sentidos. Dessa forma, como recurso para as práticas de multiletramento, podemos colocar em diálogo a letra da canção com outros elementos semióticos harmonizados, pois a análise vai “além da mera soma das várias modalidades em determinado meio de circulação [nos levando] a refletir sobre como os significados são ampliados, transformados e multiplicados” (PASQUOTTE-VIEIRA et al., 2012, p. 185).

Entrelaçando semioses no percurso de produção de sentido

A prática leitora constitui-se em uma atividade produtiva de sentido que se dá em um processo dinâmico e complexo. Nessa perspectiva, o sentido não está dado *a priori*, pois ele é fluido e se constrói na interação entre texto-sujeitos. Nessa perspectiva, a leitura é uma prática que implica um processo intelectual de produção de sentidos e tem papel fundamental na formação do sujeito como um ser dialógico, que produz sentido para os diferentes textos e contextos em que está inserido na sociedade.

O trabalho em sala de aula com gêneros multimodais, os quais circulam em diferentes mídias, contribui para o desenvolvimento desse sujeito leitor. Para ilustrarmos algumas possibilidades faremos uma análise do videoclipe *Aos olhos de uma criança*, do rapper Emicida, que traz a trilha sonora original da animação *O Menino e o Mundo*, de Alê Abreu, lançada no Brasil, em 2013, e, em 2015, nos Estados Unidos. O filme conta, de forma lúdica e minimalista, a história de um menino que deixa sua aldeia para ir à procura do pai, que vai para a cidade em busca de um emprego melhor. É uma narrativa visual, com pouco diálogo, que se desenrola por meio de um traçado infantil, misturado com recortes de revistas em cenários de lápis de cor, giz de cera e colagens, explorando a realidade sem estereótipos, em uma relação harmônica entre a ideia narrada, a música tema e o visual, pois é como se, ao descobrir o mundo, o menino mostrasse isso por meio de sua visão infantil, representada em seus desenhos.



Embora as falas dos personagens sejam incompreensíveis, o interlocutor consegue fazer uma boa leitura do filme, pois se procurou suprir a ausência de uma língua conhecida, visto que, os diálogos são construídos em português ao contrário. Desta forma, a animação explora uma paisagem sonora criativa e rica de elementos sonoros, em que todos os elementos do cenário possuem voz, como, por exemplo, os sons dos animais, do vento e até dos passos do menino. O trabalho é fruto da parceria do Grupo Experimental de Música (GEM) e Barbatuques⁶. A música tema *Aos olhos de uma criança*, composta por sete estrofes, sendo a primeira e a última o refrão, cria um pano de fundo para as críticas que são suscitadas à sociedade e ao sistema capitalista que explora os moradores das grandes cidades.

Dentre todos esses elementos articulados, a animação possibilita um exercício reflexivo sobre o outro, a cidadania e o lugar do sujeito na sociedade. Nessa perspectiva, torna-se um espaço potencial para o processo de letramento que envolve, dentre outros aspectos, um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem com diferentes contextos sociais e fazem uso dessas habilidades para interagir no mundo. Afinal, de acordo com Rojo, o letramento implica “escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social [...] replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos...” (ROJO, 2001, p. 52).

No videoclipe tudo é muito rápido, de forma breve o menino faz sua aparição, de forma caricata, destampando uma lata para ouvir os sons, coloridos e aprisionados naquele objeto e na sua lembrança. É o som da música cantada pelo pai que vai conduzir a narrativa e mover os passos de Cuca⁷ à procura do pai. Na sequência, surgem formas geométricas, desenhos e repetições que se assemelham às imagens coloridas produzidas por um caleidoscópio e, depois, o menino corre por paisagens, pulando sobre árvores e brincando com animais do campo e na água.

Até o momento descrito acima, o menino brinca em um cenário campestre, o refrão joga com a oposição “menino, mundo” vs “mundo, menino”, é repetido, de forma ritmada, para demarcar que o primeiro é o

6 Grupo brasileiro de percussão corporal, é referência mundial em utilização dos sons do corpo na criação e produção musical.

7Nome do menino no filme.



mundo do menino, repleto de brincadeiras, sonhos, fantasias em alegoria ao mundo infantil, reiterado pela escolha do fundo branco, demarcado por uma pintura produzida à mão, com giz de cera e canetinhas. O segundo, o mundo descrito e enunciado pelo rapper como insensível, frio e desumanizado, com pouco espaço para que o homem seja visto, reconhecido e valorizado, como: “selva de pedra, menino microscópico” (EMICIDA, 2013).

A canção se desenrola articulada ao visual, o menino chega a uma casa simples onde mora e vai com sua mãe buscar água em um poço, a seguir é apresentada a cena de final de tarde em que o garoto se encontra junto a seu pai, na sequência, o pai segurando uma mala, preparado para ir embora. O menino abraça-o de forma carinhosa e a despedida é marcada pela resistência da criança à partida do pai. O trem chega e leva o homem embora em um cenário formado por traços infantis e uma estética própria do sujeito que começa a compreender e expressar os próprios sentimentos.

Na percepção infantil, no mundo ao qual Cuca começa a adentrar, as máquinas são vistas como bichos, o trem que leva o pai para um lugar distante e caracterizado como uma grande minhoca, que desaparece em meio a fumaça. Analogamente, podemos relacionar a locomotiva como símbolo da Revolução Industrial, que demarca a mudança nos meios de produção de uma agricultura de subsistência e manufaturada para a produção em série, criticada pelo filme e responsável pelo movimento de migração do campo para a cidade e o conseqüente crescimento das periferias das grandes cidades, com a ausência de condições dignas de sobrevivência para a classe trabalhadora.

Após a partida do pai, é explorada de forma dinâmica, no videoclipe, a imagem do menino rememorando momentos partilhados com o pai, o que gera tristeza e saudade em Cuca. O garoto, então, arruma uma mala e a única coisa que ele coloca é uma foto de família e vai para outro cenário que remete ao caos de uma grande cidade. Essa cena marca a saída da inércia do menino, mudando todo o preenchimento colorido e nostálgico por imagens negativas do cenário. A letra da canção faz remissão à saudade e ao vazio deixado pela ausência do pai, remetendo a um contexto de solidão, como vemos na frase retirada da música do videoclipe: “São lágrimas no escuro e solidão, quando o vazio é mais do que devia ser, lembro da minha mão na sua mão, e os olhos enchem de água sem querer” (EMICIDA, 2013). Na busca por aplacar o vazio e a saudade do pai que partiu, o menino inicia



uma aventura e já aparece em um carrinho de catadores de papel, junto a um pequeno cachorro; o carrinho surfa em grandes ondas que representam as adversidades enfrentadas nas ruas das grandes cidades.

Em uma visão infantil, o menino anda pelas ruas entre inúmeros transeuntes que não se importam, sua presença como diz a letra do rap é “microscópica”, caminha entre uma festa de rua e vivencia a realidade urbana de violência. No diálogo verbo-visual, os versos da canção reafirmam a dureza, marcada pelo uso de consoantes oclusivas, a frieza, a miséria e o abandono das grandes cidades por meio dos versos “Calçada, barracos e o bonde, a voz ecoa só, mas ninguém responde, miséria soa como pilhéria” (EMICIDA, 2013). A animação, neste momento, mistura os traços iniciais, com o fundo branco repleto de colagens de revistas e anúncios, presentes na favela em que o menino adentra ao lado de um jovem que trabalha em uma fábrica. Essa multiplicidade de linguagens mobilizadas pelo videoclipe suscita possibilidades de sentido e aciona diferentes conhecimentos nos sujeitos leitores, além de explorar a sensibilidade estética.

A cidade, ao contrário do campo, como apresentado no início do videoclipe é ilustrada a partir de texturas e colagens, incluindo aquelas da mídia impressa, encontramos também a crítica ao consumo, representada por uma sociedade capitalista, além da massiva presença de lixo e de publicidade nas cidades, sem considerar milhares de pessoas que vivem em extrema pobreza e não podem consumir os produtos e estilos de vida anunciados.

Retomando a figura de Cuca, o menino em sua busca incessante pelo pai, surge no videoclipe todo sujo e ofegante, percebemos que a criança é afetada de certa forma por todos os acontecimentos vivenciados. À medida que vai mostrando os trilhos do trem e as diferentes cores que vão tingindo esse percurso, a criança avança rumo ao autodescobrimento; em que os choques e conflitos contribuem para seu crescimento.

O videoclipe explora algumas cenas do filme em que o menino assiste a um pássaro que nasceu da poluição da cidade, isto significa, lutar contra um pássaro colorido que nasceu da alegria do povo. No filme, essa cena é simbólica, pois o segundo pássaro perde a luta e pode suscitar inúmeras interpretações como, por exemplo, o menino estava assistindo a algum tipo de repressão policial, uma crítica à opressão social ou, ainda, uma



questão ecológica em que os espaços urbanos, cada vez mais, vão se tornando espaços sem mobilidade e caracterizado por cinzas.

Conforme o fio narrativo vai se desenvolvendo, evidencia-se o diálogo entre o verbo-visual e o sonoro em que os versos da canção *Aos olhos de uma criança* reafirmam o traçado do cenário, a busca incessante do menino pelo pai e o desnudamento do menino que descobre, por meio de duras experiências, a dureza da vida.

Chegando ao final da canção, mais precisamente na segunda estrofe, fica evidente essa difícil descoberta da vida, como podemos notar no verso: “morre a esperança tudo isso aos olhos de uma criança” (EMICIDA, 2013). Esse diálogo verbo-visual reforça a definição de Pontes (2003) ao afirma que o videoclipe é a ilustração, a versão filmada, de uma canção. Assim como na quarta estrofe em que a saudade é retomada, como vemos: “Saudades de pá! pai, quanto tempo faz, a esmo, não é que esse mundo é grande mesmo” (EMICIDA, 2013). Nessas retomadas da letra da canção é possível construirmos um percurso de sentido, ora alterando menino x mundo, como na primeira e última estrofe, ora nominando, em uma sequência, diferentes aspectos e sentimentos vivenciados por Cuca ao longo de sua aventura em busca do pai.

Vale ressaltar, conforme explicitado por Oliveira (2011), em relação ao rap, que:

A importância dessa cultura/música para os debates em torno da sociedade contemporânea está, em termos gerais, no fato de que parte considerável dela constitui meios de expressão associados às classes populares e, sob seu prisma (de pessoas comuns, de trabalhadores), ganha corpo uma intrigante interface entre história, cultura, sociedade, protesto social e vida cotidiana. OLIVEIRA (2011, p. 4)

É importante notar ainda que alguns versos do rap são enunciados em um processo de hibridização, há sobreposições de vozes e imagens, aquela que vem da rua, explicitada pela presença do rapper Emicida, que aparece em primeiro plano e denuncia por meio de substantivos que nomeiam as situações vividas na cidade pelo menino Cuca.

“Gente, carro, vento, arma, roupa, poste/Aos olhos de uma criança. Quente, barro, tempo, carma, roupa, “nóis” Aos olhos de uma criança. Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte, Aos olhos de uma criança, Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte, Aos olhos de uma criança”. (EMICIDA – Aos olhos de uma criança).



E ao mesmo tempo a sobreposição da letra da música “airgela”, alegria dita de forma invertida que exprime a esperança, o “nóis”, que assume a luta e a resistência.

A estrutura que permite dar ritmo e estabelecer o tamanho da frase, do verso na canção, no Rap é o *beat*, organizado em quatro batidas sequenciais. No texto analisado, o *beat* é de Renam Samam; a escolha da métrica, do *flow*, feita por Emicida, privilegiou um processo de criação de rimas que coloca em evidência a temática da canção, o contraste menino vs. mundo. A denúncia no texto é feita na escolha do estilo, o rap, uma voz que vem da rua e se organiza linguística e metricamente para dar ênfase ao discurso de protesto.

Considerações Finais

A análise apresentada evidencia que o trabalho pedagógico com o gênero videoclipe possibilita ao estudante mobilizar, na leitura, diferentes semioses, como a escrita, o som, a imagem em movimento. Essa abordagem possibilita que o professor explore os processos de produção de sentido, extrapolando o desenvolvimento linguístico do aluno e o próprio texto ao abrir espaço para discussões que ampliam o repertório cultural e a criticidade dos sujeitos.

Para o desenvolvimento desse trabalho, precisamos reafirmar a importância do diverso e do diferente como elementos fundamentais à produção cultural contemporânea e a necessidade de investirmos, cada vez mais, na formação de leitores capazes de mobilizar diferentes formas de representação de sentido proporcionadas pelos inúmeros gêneros multimodais.

O conceito de multiletramento aponta para a multiplicidade de semioses, para a multimodalidade como vimos, mas também para a multiplicidade de culturas, e vale reafirmar a importância do trabalho com o gênero videoclipe que traz para a sala de aula a possibilidade de olhar para a “voz que vem da rua”. A escolha do Rap, um estilo musical, não erudito, inserido em contexto situado, que exprime discursos da população de periferia das grandes cidades em que muitos estudantes estão inseridos.

Fazer a escolha de levar para a sala de aula uma proposta de um videoclipe de um Rap, é fazer ecoar uma voz dissonante, se pensarmos nas



propostas de textos analisados na escola que colocam em relevo a modalidade escrita e culta da língua, enquanto o Rap nos dá a possibilidade de refletir sobre a variedade oral, já que a estrutura organizacional da frase e a escolha sintática traz muito mais semelhanças com a linguagem oral do que com a escrita.

No videoclipe *Aos olhos de uma criança*, do rapper Emicida, verificamos inúmeros elementos articulados que possibilitam um exercício reflexivo sobre o outro, a cidadania e o lugar do sujeito na sociedade. Nessa perspectiva, o videoclipe torna-se um gênero potencial para o processo de letramento, pois inter-relaciona outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BESNIER, N.; STREET, B. Aspects of literacy. In: INGOLD, T. **Encyclopedia of anthropology: humanity, culture, and social life**. London: Routledge, 1994, p. 527-562.

COPE, B.; KALANTZIS, M. “Multiliteracies”: new literacies, new learning, **Pedagogies: An International Journal**, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. Disponível em: <<http://newlearningonline.com/files/2009/03/pedagogiesmlitsarticle1.pdf>>. Acesso em: 29 maio. 2017.

GARCÍA CANCLINI, N. **Leitores, espectadores e internautas / Néstor García Canclini**; tradução Ana Goldberger. — São Paulo: Iluminuras, 2008.

GEE, J. P. Orality and literacy: from the savage mind to ways with words. In: **Social linguistics and literacy: ideology in discourses**. London: Falmer Press, 1990.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, R. C. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap**. Dissertação de Mestrado., UFU, Uberlândia, 2011.

PASQUOTTE-VIEIRA, E.; SILVA, F. D.; ALENCAR, M. C. **A canção Roda-viva: da leitura às leituras**. In: ROJO, R. H.; MOURA, E.. (Orgs.) *ultiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 181-198.

ROJO, R. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos**. Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. cap 1, p. 13-36.



Maria de Lourdes Rossi Remenche; Ana Paula Pinheiro da Silveira

_____. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 51-74.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

_____. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. **Teleconferência Unesco Brasil sobre “Letramento e Diversidade”**. Outubro, 2003.

